

O papel das mulheres cururueiras Várzea-grandense na salvaguarda do Modo de Fazer Viola de Cocho Associado ao Complexo do Cururu e Siriri em Mato Grosso

Celi Minas Novas – Presidente da Associação das Manifestações Folclóricas de Mato Grosso – AMFMT/Várzea Grande

Francimario Vito dos Santos - Antropólogo do Iphan/MT.

Introdução

O cururu é uma manifestação festiva de cunho religioso presente nas festas de santos, celebradas na região da Baixada Cuiabana em Mato Grosso. Estruturado no formato de rodas e tradicionalmente ocupadas por homens adultos, cujas toadas ou cantorias são acompanhadas da viola de cocho e do ganzá. Ele parte essencial dos festejos em homenagem a santos católicos, sobretudo no levantamento dos mastros que marca o início da celebração, durante os cortejos (procissões) e no descimento do mastro, ou seja, o encerramento. As cantorias acontecem no formato de círculo conhecido como *roda de cururu* e a interação se dá em dupla que executa passos específicos e movimentos de rodopios acompanhados de batidas ritmadas na caixa de ressonância da viola de cocho.

O foco deste artigo é apresentar a trajetória da Associação das Manifestações Folclóricas de Mato Grosso – Amfmt e o protagonismo das mulheres na salvaguarda do Modo de Fazer Viola de Cocho e o Complexo do Cururu e Siriri através da criação do Grupo de Cururu Estrela Divina¹.

O cururu e o siriri são expressões culturais presentes nas festas de santos e assumem sentidos distintos. Patrícia Osório diferencia as duas expressões culturais da seguinte forma: "o cururu é executado apenas por homens que dançam em roda e emitem versos de improviso ao som da viola de cocho, enquanto que o siriri é dançado por homens e mulheres que aos pares executam coreografias em rodas ou fileiras ao som da viola de cocho, ganzá e mocho" (2017, p. 496).

A Amfmt e a salvaguarda do cururu

¹ Cururueiras (os): Antônia de Figueiredo Curado, Ana Lucia Figueiredo, Antônia Caetano de Campos, Ana Regina de Campos, Nilza Messia da Silva, Nilza da Costa, Josefina Maria, Célia Minas Novas, Maria Cecília de Moraes, Isaura Gonçalves de Souza Curado, Carmen Maria Pereira Ferreira, Ilda Botelho Silva, João Epifânio do Nascimento, Francisco de Assis de Almeida, Esmelinda de Aquino Romão, Gonçalves Santana de Campos, Maria Assunção do Espírito Santo e Felícia Leite da Silva.

A associação foi criada em 1996 e em 2003 adquiriu estatuto jurídico. Sua missão é preservar e promover as tradições culturais mato-grossense, com destaque para a transmissão dos saberes sobre a confecção da viola de cocho, o ganzá e o mocho, o Siriri e o Cururu. Criada por Celi Minas Novas, Carmen Maria Pereira Ferreira e as mestras da cultura popular e Antônia de Figueiredo Curado e Celina Curado, a entidade está localizada no bairro Jardim Glória 1, em Várzea Grande.

Em seu livro *Siriri em Várzea Grande* (2021), Celi Minas Novas faz uma análise histórica do siriri em Várzea Grande, em especial no bairro Jardim Glória. O estudo revelou a pujança dessa manifestação popular na comunidade e, a partir de então foi introduzido a dança de siriri na escola. As oficinas de siriri no ambiente escolar contribuíram para que as crianças e adolescentes conhecessem os instrumentos tradicionais usados no cururu e no siriri como a viola de cocho, o mocho e o ganzá, bem como os repertórios musicais.

Hoje, as ações iniciadas nas escolas resultaram na criação do Grupo de Siriri Estrela Guia e o grupo de Siriri Estrela Guia e o Grupo de Cururu Estrela Divina cujas apresentações acontecem em vários eventos da região. A Amfnt segue a difundindo suas ações nas escolas por meio de palestras, rodas de conversas, mostras sobre a confecção da viola de cocho, a dança do siriri e a roda de cururu.

De acordo com o Iphan (2009), foi com base nas pesquisas iniciadas em 2003, que aconteceu a inscrição do Modo de Fazer Viola de Cocho no Livro dos Saberes em 14 de janeiro de 2005, conferindo-lhe, portanto, o título de Patrimônio Cultural do Brasil. A partir de então, coube ao poder público, nos três níveis de governo, a sociedade civil e entidades privadas a promoção de ações de salvaguarda a fim de garantir a continuidade do bem cultural às futuras gerações.

Nesse sentido, a entidade realiza inúmeras ações de salvaguarda na sua sede com o intuito de promover e fortalecer o patrimônio cultural, em parceria com o Iphan e a administração pública estadual e municipal. A maioria delas são executadas com recursos financeiros oriundos de editais de cultura e conta com o apoio técnico do antropólogo do instituto, Francimário Vito dos Santos, responsável pelo acompanhamento das ações de salvaguarda de todos os bens culturais registrados no estado.

Durante a pesquisa de Mapeamento dos Saberes e Ofícios Populares: Artesãos de Viola de Cocho e Cururueiros de Várzea Grande (2022), realizado com o objetivo de identificar os mestres e mestras da cultura popular residentes em Várzea Grande, a Amfnt identificou várias mulheres cururueiras como é o caso de Antônia de Figueiredo Curado, Antônia Caetano de Campos e Esmelinda de Aquino Romão. Daí surgiu a necessidade de criação do grupo formado por mulheres.

No ano seguinte, por meio de aporte financeiro oriundo da Secretaria Estadual de Esporte Cultura e Lazer do Estado de Mato Grosso – Secel/MT, utilizados para a compra de figurinos, alimentação e ajuda de custo para os mestres e mestras da cultura popular de Várzea Grande, foi possível implementar as ações voltadas ao cururu de mulheres, já que a roda formada por homens era uma prática já consolidada na Amfamt. As atividades se estruturaram em encontros com as mestras da cultura popular, sob a orientação de mestres cururueiros encarregados de transmitir as noções de musicalidade e dança do cururu como é o caso de João Epifânio do Nascimento e Francisco de Assis de Almeida.

Para tal finalidade foi criado o projeto musicalidade de cururu para as mulheres no formato de oficina, que contou com as monitorias das mestras Antônia de Figueiredo Curado e Antônia Caetano de Campos. Foram encontros de mulheres que sempre tiveram o desejo de aprender a tocar a viola de cocho, o ganzá bem como a cantoria do cururu. Atualmente a oficina conta com 12 mulheres que se reúnem para tocar a viola de cocho e ganzá e principalmente já executarem a roda de cururu. As ações também se estruturam no formato de rodas de conversa os mestres cururueiros, que aos poucos, foram aceitando a presença de mulheres na tradicional roda de cururu. De acordo com a cururueira e historiadora, Maria Cecília de Moraes (69), filha e irmã de cururueiro, "hoje as mulheres vem ocupando os espaços que, antes eram permitidos apenas aos homens como estudar, trabalhar e votar, e no cururu não é diferente". Antonia de Figueiredo Curado (78) comenta sobre o preconceito de alguns homens diz: "quando entro na rodada os homens me olham com aquele olho atravessado e sem me preocupar vou lá e canto minha toada, e nesse momento vejo sempre as mulheres por perto".

Nesse sentido, Celi Minas Novas (55), integrante do grupo ressalta a importância da inclusão de mulheres na roda de cururu como uma estratégia pedagógica. Para ela, a inserção de mulheres nesse espaço não significa acabar com a prática, pelo contrário visa garantir ainda mais seu fortalecimento e o interesse do público feminino.

Associadas às ações de musicalidade foram realizadas oficinas de viola de cocho e ganzá, ministradas pelo artesão e cururueiros Alexandre Pães, direcionadas às cururueiras. O repasse de saberes sobre a fabricação dos instrumentos possibilitou que elas pudessem construir seus próprios instrumentos. Para o artesão, a mulheres entrando no cururu será um reforço para manter viva nossa tradição do cururu.

Cabe ressaltar que embora o grupo Estrela Divina esteja estruturado e coeso, inúmeras dificuldades estão presentes no seu cotidiano. Mesmo que se perceba alguma abertura em direção a aceitação as mulheres na roda de cururu, há ainda resistência de cururueiros, que amparados pela ideia de tradição estática do senso comum reforçam a narrativa de que o cururu é uma prática cultural feita apenas por homens e não permite

a entrada de mulheres. É o que Hermano Vianna (2005, p. 310) denomina de *cultura tradicional*, como sendo aquela que emana de uma comunidade cultural expressa por um grupo ou por indivíduos e responde a expectativa da comunidade".

No entanto, a defesa de fato desse autor é que as manifestações culturais populares estão em contantes transformações e atenuadas com o que ocorrem dentro e fora de seus contextos de atuação, de modo que seu pensamento se alinha ao de Gilberto Velho (1994), quando diz que a essência cultural é a permanente transformação.

Outros desafios encontrados pela associação para a manutenção das ações de salvaguarda do cururu está intrinsecamente ligado à dificuldade de acesso a recursos financeiros com regularidade, que possam de fato assegurar a participação dessas mulheres. Não basta apenas adquirir figurinos e instrumentos musicais, é fundamental haver recursos para transportar o grupo para as apresentações e sobretudo garantir uma ajuda financeira para incentivar as cururueiras a continuarem com a prática cultural. Outra dificuldade está relacionada a captação de pessoas jovens interessadas em participar do cururu e do siriri.

Bibliografia

IPHAN. Dossiê do Modo de Fazer Viola de Cocho. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, 2009.

MINAS NOVAS, Celi. Siriri e Várzea Grande. Cuiabá, MT: Gráfica Print, 2021.\

MINAS NOVAS e Carmen Maria Pereira Ferreira. Várzea Grande MT: Mapeamento dos Saberes e ofícios Populares Artesãos de viola de cocho e cururueiros de Várzea Grande. Novembro de 2022.

VIANNA, Hermano. Tradição da mudança: a rede das festas populares brasileiras. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 32, p. 302-315, 2005.

VELHO, Gilberto. Unidade e fragmentação em sociedades complexas. In: Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 11-30, 1994.

OSÓRIO, Patrícia Silva. Festivais de cultura popular e patrimônios: campos de batalhas nas políticas de identidades. In: Revista do Centro de Investigação em Antropologia -

Etnográfica, Portugal, v. 3. n. 21, out, p. 493-508, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/>. Acesso em: out. 2025.